

Ficção, política, memória e testemunho:**“Os salteadores”, de Jorge de Sena**Jorge Fazenda Lourenço¹

As marcas que a Guerra Civil de Espanha deixou na obra e na vida de Jorge de Sena, que tinha dezanove anos quando o conflito foi encerrado, por Franco, no 1.º de Abril de 1939, dia das mentiras, são extensas e profundas. Alguns dos aspectos da guerra de 1936-39 e das suas consequências portuguesas, vividos ou testemunhados pelo jovem poeta, foram por ele transmutados em ficção, com destaque para o romance *Sinais de fogo*, publicado, postumamente, em 1979, e para *Os Grão-Capitães*, uma sequência de contos publicada em 1976 e escrita em 1961-62, no coração do seu exílio brasileiro, nesses “anos negros de quando parecia que o salazarismo não acabaria nunca” (Sena, 2016: 235).

Em *Os Grão-Capitães*, um dos contos, “A Grã-Canária”, parece mesmo dar continuidade, em termos ficcionais, ao final suspenso de *Sinais de fogo*, ao mergulhar no epicentro da revolta franquista, de onde emerge, prodigiosamente, um amor impossível, ibérico, mas redentor no instante da sua duração, entre um cadete da marinha de guerra portuguesa e uma rapariga espanhola que a perseguição política e a pobreza forçam à miséria da prostituição.

Outro conto capital para a construção da memória literária dessa guerra ibérica e europeia é “Os salteadores”, também de *Os Grão-Capitães*. Este conto, baseado no caso dos combatentes republicanos que, encurralados pelo avanço das tropas franquistas, se refugiavam na raia de Portugal, constitui uma reafirmação da importância de Jorge de Sena e da literatura portuguesa para o memorial da guerra de Espanha, mostrando que o tempo de uma guerra excede a sua duração e a sua geografia extravasa as suas fronteiras.

Os dois contos de *Os Grão-Capitães* que tomam como eixo narrativo a guerra civil de Espanha foram escritos, sequencialmente, em datas muito próximas: primeiro “Os salteadores”, em 4 de Maio de 1961, e depois “A Grã-Canária”, em 16 de Maio. E ambos em Assis, como consta da data de escrita, cidadezinha do interior do Estado de São Paulo. Aliás, todos os contos de *Os Grão-Capitães* surgem num tempo de actividade política intensa para Jorge de Sena: colaboração assídua em *Portugal Democrático*, jornal de São Paulo, de oposição ao salazarismo, a cujo conselho de redacção pertence; vice-presidência da Unidade Democrática Portuguesa, frente política dos exilados portugueses no Brasil; participação no Centro Republicano de São Paulo e no Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão; para além de uma efémera ligação à Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia dos Presos e Exilados Políticos da Espanha e Portugal.

Que os contos que formam *Os Grão-Capitães* tenham sido escritos neste clima de luta política activa contra os males do século XX é um contexto que não pode ser ignorado. Nos paratextos do livro,

¹ Poeta e professor na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Jorge Fazenda Lourenço escreve de acordo com a ortografia anterior ao AO90.

P

Jorge de Sena apresenta esta sequência de contos como uma “crónica amarga e violenta dessa era de decomposição do mundo ocidental e desse tempo de uma tirania que castrava Portugal” (Sena, 2016: 18), cujo realismo o leva a classificá-los como “contos cruéis”:

Por isso, estes contos são cruéis. Diz-se às vezes que há muito amor do mal no evocá-lo e referi-lo. E que é disso que ele se perpetua. O mal não se perpetua senão no pretender-se que não existe, ou que, excessivo para a nossa delicadeza, há que deixá-lo num discreto limbo. É no silêncio e no calculado esquecimento dos delicados que o mal se apura e afina — tanto assim é, que é tradicional o amor das tiranias pelo silêncio, e que as Inquisições sempre só trouxeram à luz do dia as suas vítimas, para assassiná-las exemplarmente. (Sena, 2016: 23)

Como o poeta lembra num dos seus textos prefaciais, “«Os salteadores» [diz] respeito a um facto cujas linhas gerais chegaram aos meus ouvidos exactamente como o conto narra, e que envolvia a extinta PIDE” (Sena, 2016: 17). Numa entrevista ao jornalista José Pedro Castanheira, publicada no semanário *Expresso* de 14 de Fevereiro de 1998, um dos torcionários da polícia política, Rosa Casaco, admite, com as esperadas dificuldades, a existência, pelo menos, de um caso semelhante ao relatado por Jorge de Sena.

Casaco chegou, inclusivamente, a prestar alguns serviços às autoridades espanholas, de que evita falar. Um deles — que diz não gostar de recordar — foi a devolução de um grupo de guerrilheiros republicanos, que haviam procurado refúgio na serra do Gerês. «Eram uns três ou quatro e tinham sido levados presos para Lisboa. Coube-me a mim levá-los numa carrinha para Badajoz, onde os entreguei às autoridades. Foram imediatamente fuzilados.» Garante não ter assistido à execução dos rebeldes. «Mas ainda ouvi os tiros.» (Castanheira, 2001: 310-311)

Os contos de *Os Grão-Capitães* são baseados em “experiências vividas, testemunhadas, ou adivinhadas nas confissões involuntárias e contraditórias de alguns dos actores” (Sena, 2016: 20). Mas, como o autor tem o cuidado de referir: “Se a matéria de *Os Grão-Capitães* é directa ou indirectamente autobiográfica [...], a estrutura que lhe é dada é inteiramente ficção” (Sena, 2016: 21). Esta questão é de primacial importância para entendermos como cada conto é estruturado para fazer a ficção testemunhar, para fazer de cada narrativa um testemunho de linguagem.

Aquilo que observamos no caso de “Os salteadores” é que a história do cerco, prisão e fuzilamento dos republicanos espanhóis é apenas uma parte, a parte final, do conto a que dá o título. O que significa que a narrativa dos salteadores está engastada numa narrativa maior, a que chamarei narrativa enquadrante ou englobante. Esta narrativa maior, que coincide, portanto, com os limites do conto, está explicitamente situada em “Trás-os-Montes, 1953” (*cronótopo* que surge sob o título) e tem três personagens anónimas: dois engenheiros, um mais velho e o outro mais novo, que vimos a perceber que estão ligados ao que então era a Junta Autónoma de Estradas, e um “*chauffeur*” que guia o carro que os conduz, numa noite de Inverno, de intensa névoa, que pouco a pouco se vai dissipando, numa viagem por uma “estrada de serra”, sinuosa, que termina na “estrada do vale, larga e pavimentada de novo” (Sena, 2016: 154). Esta longa descida por um caminho sinuoso e a progressiva saída do nevoeiro são acompanhadas pela também progressiva descoberta da verdade testemunhada pelo “*chauffeur*”, afinal, o

guia desta espécie de viagem alegórica, que nos implica a todos. E o facto de o conto estar estruturado em torno deste triângulo dramático, que é um triângulo conflitual, feito de alianças que evoluem segundo a versão dos acontecimentos de cada um e de acordo com um conjunto de revelações que vão sendo feitas, é instrumental para a descoberta de uma verdade que diz respeito ao destino dos guerrilheiros espanhóis e à natureza política do regime, mas que é também a revelação de cada uma das personagens, do modo como cada uma se situa, no sentido existencialista, sartriano, do termo.

Para este desiderato contribui também o facto de a narrativa enquadrante ser constituída por um encadeamento de pequenas histórias ou anedotas, no sentido técnico da palavra, cada uma delas com as suas acções e personagens autónomas. Estas pequenas histórias permitem dar um contexto mais largo, de ordem política e social, à história dos salteadores, contribuindo, ao mesmo tempo, para ir caracterizando as três personagens da narrativa maior e as suas posições divergentes. A descoberta da verdade resulta, precisamente, do conflito entre as versões que cada um transporta para o diálogo que estabelecem ao longo da viagem que é o conto.

Face a essa pluralidade de histórias, e de pontos de vista, é igualmente importante observar a tipologia de narradores e os níveis de narração utilizados por Jorge de Sena na montagem deste conto: um narrador heterodiegético, de nível extradiegético, para a narrativa enquadrante, sendo portanto ele que inicia e encerra a narração; um narrador autodiegético, o engenheiro mais velho, protagonista da primeira anedota, a história dos lobos; um narrador heterodiegético, de nível intradiegético, de novo o engenheiro mais velho, que conta o que ouviu dizer (a versão oficial, do tenente Morais) acerca da “caça aos salteadores que havia por aqui” (Sena, 2016: 145), num mais ou menos distante “Naquele tempo” (Sena, 2016: 145), sendo ele quem inicia a narração do cerco e da prisão dos guerrilheiros; e, finalmente, um narrador homodiegético, o “*chauffeur*”, testemunha directa do destino desses guerrilheiros, uma vez que fora ele que os conduzira, na sua camioneta, requisitada pela polícia, até à fronteira espanhola, onde serão fuzilados, tal como, no plano da narrativa enquadrante, é ele quem conduz o carro onde vão os dois engenheiros; ou, no domínio da alegoria, o veículo que nos conduz, também a nós, leitores, à descoberta da verdade.

Mas rebobinemos um pouco a película. Aquela segunda anedota, a da “caça aos salteadores”, começa por estabelecer com a primeira, a da caça aos lobos, um paralelismo significativo, que qualquer leitor fará intuitivamente, mesmo que não se lembre da expressão latina de Plauto: *Lupus est homo homini*, que depois Thomas Hobbes adoptou e adaptou. A história da perseguição aos guerrilheiros é suspensa pelo engenheiro mais velho, para relatar, enquanto narrador autodiegético, aspectos do seu casamento burguês, contribuindo, uma vez mais, para o situar (e nos situar) face aos usos e costumes da sociedade patriarcal em que se alicerçava o Estado Novo.

O assunto dos salteadores, introduzido pelo engenheiro mais velho, é objecto de controvérsia entre ele e o engenheiro mais novo: “Mas o pior eram os salteadores”, diz o mais velho; “Não eram *bem* salteadores” (Sena, 2016: 146), contradiz o mais novo, que podemos considerar como um alter-ego do autor. Ao que o mais velho responde com a versão oficial do tenente Morais, da Guarda (a Guarda Nacional Republicana).

— *Viviam a monte, desciam às aldeias, armados, levavam quanto era comida e os porcos e as*

P

galinhas, e até violavam as moças. O Morais contou-me que, uma vez, eles tinham assaltado, nos caminhos da serra, uma velhota, e todos eles, mais de vinte, se tinham posto nela. Uma velha! Era gente capaz de tudo. E o chefe, que foi apanhado pelo Morais, parece que tinha sido oficial de marinha.

O outro interveio: — Essa história da velhota, como é que esse tenente soube?

— Ora, como é que ele soube! Era coisa que, em Vila Real, toda a gente sabia. E mesmo coisas piores. (Sena, 2016: 146-147)

Esta disputa verbal, prolongada e intensa, envolvendo um confronto de mundividências, é protagonizada pelo engenheiro mais novo, que procura, assim, refutar, infirmar, o discurso oficial veiculado pelo mais velho. Neste confronto de discursos, é muito significativo que o engenheiro mais velho tente continuamente despolitizar a história dos guerrilheiros, quer degradando-os ao nível de bestas ferozes, num paralelo, como vimos, com os lobos, quer, numa fase posterior da controvérsia com o engenheiro mais novo, colocando-os ao nível dos contrabandistas.

O modo de nomear, identificar, os republicanos acoitados nas serras de Trás-os-Montes, revela a posição política, inconciliável, de cada um dos engenheiros face ao discurso oficial do regime. Já a posição do “*chauffeur*”, que começa numa situação de subalternidade, intervindo apenas quando é directamente interpelado pelos engenheiros, e sobretudo pelo mais velho, se vai autonomizando, primeiro distanciando-se da versão oficial propagada pelo engenheiro mais velho – “Eles não faziam mal a ninguém. Essas coisas diziam-se por aí, mas eles não faziam mal a ninguém. Só queriam comida” (Sena, 2016: 147) – para, após uma acesa discussão dos dois engenheiros sobre a identidade dos ditos “salteadores” e do relato do cerco que os conduziu à prisão, feito pelo engenheiro mais velho, sempre segundo a versão do tenente da GNR, se afirmar como o detentor da verdade dos factos, para surpresa dos dois engenheiros.

A história dos republicanos espanhóis contada pelo “*chauffeur*”, a narrativa dos salteadores que dá nome ao conto, é, portanto, a versão definitiva, porque a última, e porque enunciada por um narrador-testemunha, um tipo de narrador que surge pela primeira vez no conto. É curioso observar que é o narrador heterodiegético, o narrador da narrativa enquadrante, que dá a palavra, protocolarmente, ao narrador homodiegético, como quem passa um testemunho: “Houve um silêncio, e ele, pigarreando, narrou: [...]” (Sena, 2016: 150). E é também significativo que a tomada da palavra, por parte do “*chauffeur*”, seja antecedida, sucessivamente, por um silêncio prolongado das três personagens, uma dissipação da névoa, um cintilar de estrelas na noite, e “uma guinada brusca” do carro, “que atirou com o mais novo dos engenheiros sobre o mais velho” (Sena, 2016: 150), como que inferiorizando este e superiorizando aquele.

Não farei aqui um resumo do relato do “*chauffeur*”, que tem como personagens o próprio narrador, cinco republicanos espanhóis, cinco pides e um inspector da polícia política, entre outros. Limito-me, neste final abrupto, a sublinhar alguns aspectos terminais.

Um deles, diz respeito ao progressivo isolamento do engenheiro mais velho, que começa por acompanhar a narrativa do “*chauffeur*”, interessando-se sobretudo, como é seu timbre, pelo lado anedótico, superficial, dos acontecimentos, e acabando por adormecer, entregando-se a uma forma de

esquecimento consistente com a sua vontade de ignorância acerca das questões mais difíceis reveladas durante a conversa, como, por exemplo, a tortura aos presos políticos. O conto termina mesmo com uma imagem dele que remete, analogicamente, para a política anestésica dos “brandos costumes” do Estado Novo: “Com a cabeça pendida para o peito, ressonava num ciclo brando” (Sena, 2016: 154). Em contraponto, o engenheiro mais novo vai evoluindo em sentido inverso. Se ambos “cabeceavam” no início, o jovem vai despertando, vai tendo uma atitude cada vez mais activa e coadjuvante do narrador-testemunha, o “*chauffeur*”, incentivando-o a prosseguir na sua rememoração dos factos.

Outro aspecto tem que ver com a revelação da experiência traumática do “*chauffeur*” e das suas circunstâncias, ditadas pelo regime policial. Tudo, neste complexo narrativo que é o conto “Os salteadores”, parece disposto de maneira a permitir que a testemunha destrave a fala e supere o trauma, como num processo psicanalítico, em que, através da narração, o recalçado acede à consciência do paciente.

Num ensaio escrito, em 2014, e ainda inédito, para um seminário de mestrado em que promovi a discussão de *Os Grão-Capitães*, Joana Barata (uma das mestrandas) aproximou, sugestivamente, a narrativa do “*chauffeur*” de uma consulta de psicanálise, notando que “o *chauffeur* está sempre de costas para os engenheiros novo e velho e o seu discurso é marcado pelo sentimento de culpa que se vai acentuando no [seu] relato da história”.

O “*chauffeur*” revela o seu trauma, provocado por um misto de horror e de medo, ao relatar como, ao presenciar o fuzilamento dos espanhóis, “caíam eles, e caía eu, redondo, no chão, com uma coisa que me deu” (Sena, 2016: 153). Este “acontecimento inassimilável pelo sujeito”, como diz a definição de “trauma”, condu-lo a um sentimento de culpa e a um estado depressivo, que a ameaça do inspector da PIDE vem reforçar, numa alusão a umas das torturas (torcer o pênis aos presos) descrita numa cena anterior:

– *Quando voltei a mim, estava sentado na caixa da camioneta, no meio dos polícias, sem ser capaz de pensar em nada, só a tremer e a repetir comigo, «fui eu quem os trouxe, fui eu quem os trouxe». Os polícias conversavam uns com os outros, e falavam-me, mas eu nem os ouvia. À entrada de Vila Real, a camioneta parou, os polícias saltaram para o chão, a cabeça do inspector espreitou por cima da caixa, disse-me não sei o quê, e dois dos polícias tornaram a subir para me ajudarem a descer. Sentaram-me ao lado do inspector que, sem falar comigo, guiou a camioneta até à minha porta. Aí, apeou-se e disse-me, «Fica sabendo que não viste nada. Vê lá se queres que te ponham a mijar». E foi-se embora. Eu fiquei doente de cama, muitos dias, e, logo que estava capaz de me levantar e sair, vendi ao desbarato a camioneta.* (Sena, 2016: 153)

O recalçamento do acontecimento vivido e dos factos presenciados, gerado pelo trauma, vai ao ponto de queimar, num gesto radical de rasura da memória, um sobrescrito que a polícia deixara esquecido na camioneta, e que o homem a quem a vendera lhe devolve, contendo “um ofício com a lista dos nomes dos espanhóis, os endereços que eles tinham dado, várias coisas que eles tinham declarado para se identificarem” (Sena, 2016: 154).

P

O apagamento da memória, provocado pelo medo, o horror, o trauma, que a destruição destes papéis representa, é o que este conto procura contrariar. De acordo com a lição da psicanálise, as recordações esquecidas não estão perdidas; elas continuam na posse do doente, prontas a surgir, associadas ao que ele ainda sabe, ainda que sustidas por uma força que as obriga a manterem-se inconscientes (cf. Freud 1910, 99). O que a ficção de Jorge de Sena procura é criar um mecanismo narrativo propício a esse resgate da memória na linguagem; à superação do trauma na fala do testemunho.

Referências

- Castanheira, José Pedro (2001). “Rosa Casaco”. In Vegar, José (selecção). *Reportagem: uma antologia*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 305-326.
- Freud, Sigmund (1910). “The Origin and Development of Psychoanalysis”. In *American Journal of Psychoanalysis*, XXI (2 e 3), pp. 181-218. Trad. de Fernand Cambon, *Sur la psychanalyse. Cinq leçons données à la Clark University*, Paris: Flammarion, 2010.
- Sena, Jorge de (1976). *Os Grão-Capitães: uma sequência de contos*. In Mécia de Sena e Jorge Fazenda Lourenço (eds.). *Obras Completas de Jorge de Sena*. Lisboa: Guimarães Editores, 2016, 8.^a edição.